

O INVERNO POLÍTICO EUROPEU QUE NUNCA ACABOU DE SE PROCESSAR

Olimpia MALUF

O que Pêcheux chama nesse anexo de uma possível retificação – uma pausa iniciada num inverno político europeu – são esclarecimentos acerca da relação teórica entre áreas de conhecimento designadas como sendo a “Tríplice Aliança” – Althusser (Marxismo e a ideologia), Lacan (Psicanálise) e Saussure (Linguística), ou seja, as bases epistemológicas da Análise do Discurso, ressaltados os devidos deslocamentos, pois cada uma dessas áreas foi tomada por Pêcheux através de um estatuto diverso daquele que lhe fora constitutivo.

Essa retificação tornou-se necessária à medida que a discussão sobre os limites teóricos e políticos das disciplinas envolvidas (a História, o Inconsciente e a Linguagem) tornou-se problemática e alvo de constantes questionamentos. Esses questionamentos – que fazem, ainda hoje, prolongar os efeitos das razões que motivaram uma pausa naquele inverno político europeu – retorna para a discussão a questão inconciliável do sujeito de cada uma dessas concepções. Ou, nas palavras de Nina Leite, trata-se de ‘abrir novas questões em terreno paradoxalmente tão explorado e ainda tão questionado: as articulações entre ideologia e inconsciente’.

Essa dificuldade de articulação decorre do que Nina enuncia como sendo uma impossibilidade de articular, numa posição teórica única, três ordens distintas de real: o real da língua, o real da história e o real do inconsciente. Ou seja, o que cada campo teórico convoca como sendo sua ordem de real não se amalgama numa posição unânime e conciliatória.

Para metaforizar o que *não ia bem* nessa relação ou o que, simultaneamente, *ia bem demais*, Pêcheux justifica as razões de ser desses questionamentos afirmando que ‘*não há fumaça sem fogo*’: o fogo do qual origina a fumaça, se produz a partir da tentativa de unificar essas três ordens distintas de real. Na metáfora de Pêcheux, a *fumaça* é o efeito dessa contradição que caracteriza e constitui o interior da Tríplice Aliança (no constante exercício de combate à exterioridade que lhe é adversa ela confronta aquilo que a constitui internamente) e o *fogo* é a tomada de posição nessa disputa interna sobre a questão do sujeito.

Assim, optar *pele* fogo é realizar um trabalho crítico que destruirá a cidadela teórica da Tríplice Aliança ou fará surgir algo novo que se colocará *contra* o fogo incinerador

que só produz fumaça. É por essa razão que Pêcheux propõe uma retificação. A retificação proposta por ele se faz exatamente sobre o aspecto que Nina aponta como sendo o ponto nodal da Tríplice Aliança: a tentativa de conciliação de três ordens distintas de real. Dessa forma, ambos, Pêcheux naquele momento e Nina Leite hoje, tomam a posição de se colocar 'contra o fogo incinerador que só produz fumaça'.

Nina defende, então, que o fogo seja alimentado por um encaminhamento ético que implique na inclusão não só das teses enunciadas, mas também do sujeito que as enuncia. Dessa forma propõe que se leve em consideração o que Althusser refere como sendo o "caráter tópico do pensamento", isto é, a maneira como um pensamento se inscreve em seu objeto.

A Tríplice Aliança, ao se dizer teoricamente, produz uma contradição que é, constitutivamente, sua própria sustentação teórica ('sua cidadela teórica' – nas palavras de Pêcheux). Essa contradição instala, no seu próprio *interior*, uma presença não-reconhecida daquilo que ela não é, daquilo que ela sustenta como sendo o seu adversário teórico. A sustentação teórica da Tríplice Aliança, então, se produz naquilo que lhe é estranho teoricamente, ou seja, o que lhe causa estranhamento é o que serve, ao mesmo tempo, de sustentação e de base através da qual ela se organiza para resistir aos ataques *exteriores* do adversário. É por essa razão que se faz necessária uma retificação.

A proposição de retificação feita por Pêcheux a partir da afirmação lacaniana de que "só há causa daquilo que falha" confere à Psicanálise um estatuto diferenciado: ela é solicitada a intervir (enquanto base epistemológica da Análise do Discurso) de forma a produzir um atravessamento nos três campos do saber que essa concepção teórica envolve: a lingüística, a teoria das ideologias e a teoria do discurso. Esse movimento implicou numa primeira tomada de posição de Pêcheux (contra o fogo que só produz fumaça), pois o destaque dado à Psicanálise, por si só, caracterizava uma tomada de partido, uma forma de deslocar o projeto da Tríplice Aliança. Dessa forma, a posição de Pêcheux 'contra o fogo incinerador que só produz fumaça' foi a de pensar o projeto da Tríplice Aliança levando em consideração exatamente àquilo que ele abarca como sendo uma categoria do impossível, do fracasso, da ruptura, ou seja, aquilo que se constitui na falta, na hiância, no entremeio dessas ordens de real. Em outras palavras, é o reconhecimento do atravessamento do real do inconsciente produzindo incidências sobre as outras ordens de real e sendo afetado por elas.

Essa certeza do atravessamento do real do inconsciente sobre as outras formas de real é assumida por Pêcheux quando ele trata a materialidade do discurso como sendo algo que se assujeita ao funcionamento do inconsciente. Assim, ao detectar um sintoma que lhe era recorrente na escrita: *‘o prazer sistemático compulsivo e (incompreensível) que eu tinha em introduzir a maior quantidade possível de chistes (...)’*, ele assente que o pensamento é fundamentalmente inconsciente, a começar pelo pensamento teórico.

É por essa razão que Pêcheux toma como título do anexo retificador a afirmação lacaniana de 1964 sobre o inconsciente de que “Só existe causa para o que manca” (traduzido do livro *La Verité de La Palice* para o *Semântica e Discurso* como ‘só há causa daquilo que falha’). Para Lacan o inconsciente não é nem a fonte da ideologia dominada, nem o impulso do SuperEgo da ideologia dominante. Então, aquilo que falha decorre de uma falta que é estruturante e que advém do fato de que o sujeito é efeito da linguagem. Essa falta que o inconsciente estruturado como linguagem produz, toma o significante como causa do sujeito.

A presença forçada dos chistes na sua escrita inscreveu-se como um sintoma no corpo do texto, conforme afirma Nina Leite, e produziu no Outro um efeito diferente daquele que caracteriza o chiste: a sanção do Outro ao chiste se faz pelo riso e não pela irritação que, por vezes, Pêcheux percebia nos seus leitores. Ou seja, o que Pêcheux não assumia ainda como sendo uma forma de atravessamento do inconsciente se presentificava na sua escritura teórica como um sintoma que ele próprio descreveu como ‘sistemático, compulsivo, incompreensível’.

Com esse gesto Pêcheux parece reconhecer a inclusão de uma certa subjetividade que Freud já havia descrito como sendo o primado do ser sobre o pensamento, ou seja, o funcionamento do inconsciente que promove uma ruptura, uma hiância, uma fenda que não cessa de fazer claudicar o hiato, a falta constitutiva entre os conceitos e a linguagem (No texto freudiano produz-se uma constante disjunção entre a língua e o processo de conceitualização). A inclusão dessa perspectiva no anexo retificador de Pêcheux reconhece uma dupla função do efeito de atravessamento pelo inconsciente: ao mesmo tempo em que evidencia o assujeitamento se coloca como lugar da sua subversão. É por essa razão que o gesto de escritura de Pêcheux se assume como lugar do fracasso, não se trata, pois, da escrita de um sujeito de vontade, mas da instanciação da letra no inconsciente.

Essa constatação não é diferente da que foi feita por Freud numa das cartas trocadas com Fliess. Freud fora alertado por Fliess, no outono de 1899, sobre o fato de que os

sonhos analisados por ele nas provas do livro “A interpretação dos Sonhos” estavam por demais cheios de chistes, ou seja, os chistes eram recorrentes em sua escritura. Freud lhe respondeu alegando sua própria “razão subjetiva para dedicar-se ao problema dos chistes”. Essa razão alegada por Freud diz respeito ao atravessamento pelo inconsciente na produção do chiste, ou seja, ou bem se ri do chiste como alguém tomado por ele, como alguém convocado pelo riso que ele suscita ou bem se teoriza o chiste. O que Freud reconhecia não era diferente da conclusão de Pêcheux sobre o caráter ‘sistemático, compulsivo, incompreensível’ dos chistes em sua escrita teórica e dos efeitos que essa manifestação provocava nos seus leitores. Freud argumentava sobre a impossibilidade de se rir do chiste e, ao mesmo tempo, tentar teorizá-lo adotando a conduta lógico-formal que o processo de teorização exige. Ao fazer o esforço de teorizar o chiste, o seu real já havia se perdido, pois o exercício teórico era totalmente distinto do caráter risível que denota o momento de captura e de identidade com o chiste, portanto, de atravessamento pelo inconsciente. O chiste é involuntário, incontrolável pelo sujeito de vontade, ele apresenta uma ‘intenção enigmática’ que expõe uma dessimetria entre o Eu e o Sujeito, visto que o chiste só se materializa pela via da palavra.

Para Pêcheux o papel da contradição na apropriação do ‘mundo exterior’ pelo pensamento se marca pela divisão em dois funcionamentos opostos: funcionamento nocional-ideológico e funcionamento conceptual-científico. No anexo, então, Pêcheux vai afirmar a necessidade de distinguir radicalmente o registro do recalque daquele que é da ordem do esquecimento. Em outras palavras, ele reitera a tese-síntese do empreendimento althusseriano: *“A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira”*.

Dessa forma, Pêcheux toma o sujeito como não sendo causa de si mesmo, ele é efeito do significante e é constituído pelo lugar de interpelação e pelo sentido que essa interpelação / atravessamento convoca. É propriamente pela ação da cadeia significante, então, que se coloca a questão do simbólico de forma a abrir caminho para o que fracassa, o que falha, o que falta ou, dito de outra maneira, pelo atravessamento do inconsciente, pois, tanto para Pêcheux quanto Lacan ‘só há causa para o que falha, o que manca’. Sendo o inconsciente estruturado como linguagem, é através dela enquanto causa da divisão do sujeito, que se

produz, através da identificação pelo significante, o próprio fracasso. Assim, como bem conclui Nina Leite, se o pensamento é da ordem do inconsciente, há, então, o real da língua, o real da história e o real do pensamento.

Considerando que o pensamento existe sob a forma de *regiões* disjuntas e submetidas entre si a uma lei de exterioridade distribuída, Pêcheux afirma a lei da não-conexidade inerente ao processo de pensamento. Para ele, então, o caráter material da não-conexidade do pensamento se configura como um dos pontos pelos quais a questão da relação entre inconsciente e ideologia poderia se resolver. Contudo, é a contribuição de Lacan com a tese do primado do significante sobre o signo e o sentido e a conseqüente definição do sujeito (o sujeito é o que um significante representa para outro significante de forma a que o significante seja a condição na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito) que sustenta o gesto de retificação de Pêcheux.

Althusser traçou o destino teórico e político da Psicanálise na França, em 1964, através do artigo “Freud e Lacan”. Nele, fez intervir filosoficamente, como presidente do Partido Comunista Francês (PCF), um estatuto diferenciado para a releitura de Freud feita por Lacan de forma a “... *instar os membros do PCF a reconhecerem a cientificidade da Psicanálise, da obra de Freud e da importância da interpretação lacaniana desta*”. Dessa forma, reconhece que a compreensão da ideologia não poderia prescindir do gesto lacaniano de leitura da obra de Freud. A proposição althusseriana resgata a Psicanálise da condenação de ‘ideologia reacionária’ oficialmente atribuída a ela nos anos 50. Essa mesma indicação caracteriza o gesto retificador de Pêcheux: é necessário voltar às formulações sobre a teoria das identificações através dos avanços de Lacan.

No seminário de 1964 Lacan introduz a noção de causa como estatuto do inconsciente enquanto referido ao Real (o nível fundamental da ideologia deve ser referido à fantasia que estrutura a realidade social). Assim, o estatuto de causa interrompe o funcionamento ditado pelas leis de forma a exceder a cadeia simbólica, embora seja por ela produzido. O sujeito é determinado, então, tanto pela ordem simbólica (pelo significante) quanto pela sua relação a um objeto de gozo (objeto libidinal). Esta relação entre um sujeito e um objeto causa de desejo é o que se conjuga na fantasia, conforme nos mostra Nina Leite.

O estatuto da causa se distingue do da lei, assim, ele carrega algo de anticonceitual, de indefinido, algo que o impossibilita de ser compreendido pela razão. É nesse

intervalo que se situa o inconsciente freudiano, nesse ponto em que ocorre a falha, nesse lugar em que uma falta constitutiva produz claudicação entre a causa e aquilo que ela afeta. Lacan introduziu a lei do significante no domínio da causa e Pêcheux, no seu gesto de retificação, reconhece, no próprio título do seu anexo, ser essa a única direção possível, pois só há causa naquilo que efetivamente falha.

Referências Bibliográficas:

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

FREUD, Sigmund. *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*. Volume VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1969.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1998.

LEITE, Nina V. de A. *Só Há Causa Daquilo que Falha*. Artigo apresentado no I SEAD. 11 de Novembro de 2003.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Anexo 03: *Só há Causa Daquilo que falha ou o inverno político francês: Início de uma Retificação*. pg. 293-304. Campinas: Editora da Unicamp. 1997.